



5181 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPÉd (2019)  
GT22 - Educação Ambiental

RE)DESCOBRINDO O RIO SARACURUNA: Uma proposta interdisciplinar para abordagem do tema em Educação Ambiental  
Paulo Vítor dos Santos Pereira -  
Aline Viégas Vianna - COLÉGIO PEDRO II

### RE)DESCOBRINDO O RIO SARACURUNA:

#### Uma proposta interdisciplinar para abordagem do tema em Educação Ambiental

**RESUMO:** Trazer essas questões para sala de aula torna-se imperativo na construção de uma educação ambiental crítica e transformadora e a interdisciplinaridade se mostra como importante ferramenta nessa tarefa. O presente trabalho tem como objetivo primeiro a aplicação da interdisciplinaridade na abordagem de questões socioambientais relacionadas ao Rio Saracuruna, localizado nas proximidades da unidade escolar para alunos ensino fundamental da Escola Municipal Rotary, no bairro de Santa Cruz da Serra, localizado no subúrbio do Município de Duque de Caxias. Essa pesquisa foi desenvolvida a partir da perspectiva que vê na interdisciplinaridade escolar, no tocante a educação ambiental, um instrumento de grande utilidade não somente na conscientização, mas também na superação do quadro socioambiental ali exposto, a partir da reflexão e fomento de mecanismos de intervenção neste espaço. Como instrumento de construção e análise de dados utilizaremos a Análise Crítica do Discurso, a partir do referencial teórico metodológico de Norman Fairclough.

**Palavras-chave:** Educação ambiental transformadora; Interdisciplinaridade; Análise Crítica do Discurso.

**ABSTRACT:** Bringing such issues into the classroom becomes mandatory in the construction of critical and transformative environmental education, and interdisciplinarity reveals itself as an important tool for the task. The main aim of this research, is to apply interdisciplinarity in approaching socio-environmental issues regarding the Saracuruna River, located in the vicinity of the school unity for elementary school students of the "Escola Municipal Rotary", in the Santa Cruz da Serra neighborhood, in the suburbs of the city of Duque de Caxias. In that context, our research, will be developed from a perspective according to which academic interdisciplinarity is seen, as far as environmental education is concerned, as a very useful tool, not only in awareness-raising, but also in overcoming the existing socio-environmental status quo, starting with a reflection and the fostering of mechanisms of intervention on that geographical space. We will use the Critical Discourse Analysis, based on Norman Fairclough's methodological theoretical framework.

**Keywords:** Transformative Environmental Education; Interdisciplinarity; Critical Discourse Analysis.

#### Introdução

O debate ambiental, na atualidade, tem estado cada vez mais presente nos diversos veículos de comunicação, assumindo assim maior destaque, não somente na mídia, mas inclusive nos debates acadêmicos, em conferências internacionais e no Brasil a respeito dessa temática. Abordar tais discussões dentro do ambiente escolar é fundamental para a construção de uma educação ambiental, pautada sob uma visão crítica e voltada para a transformação de uma dada realidade.

O presente trabalho foi proposto tomando como base as temáticas da educação ambiental e da interdisciplinaridade voltadas para uma ação pedagógica crítica e transformadora como uma possibilidade para a construção de valores e práticas de conservação que colaborem para a superação do quadro socioambiental local. O público-alvo estipulado são alunos de uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Rotary, localizada no bairro de Santa Cruz da Serra, localizado no Município de Duque de Caxias - RJ. Em sua elaboração, tomamos como referência o cenário socioambiental do entorno imediato do rio Saracuruna, que corre nas proximidades da escola, localizada no subúrbio do Município de Duque de Caxias.

Toda a problemática ambiental é complexa e interdisciplinar (LOUREIRO, 2003). De acordo com esta premissa, conhecimentos de diversas áreas podem ser utilizados para a compreensão e discussão de tais questões e devem estar voltados para o estudo das relações entre processos naturais e sociais oferecendo uma visão totalizante da realidade. Consideramos a abordagem interdisciplinar como um caro recurso a ser lançado mão pela educação ambiental.

De acordo com a perspectiva do materialismo histórico dialético, o elemento que constitui o ser humano, não somente enquanto espécie, mas como um ser social, está ancorado em sua relação com a natureza e na natureza, ou seja, na sua relação para geração de meios de vida. Nesta abordagem, visamos não somente o entendimento acerca dos impactos ambientais oriundos da lógica do modo de produção capitalista do espaço, mas principalmente a transformação dos indivíduos e das estruturas materiais presentes, de forma plena, superando o sentido dicotômico em que se entende o ser humano como parte desassociada da natureza.

Práticas pedagógicas interdisciplinares de Educação Ambiental, pautadas na perspectiva do espaço dos indivíduos (no caso alunos e comunidade escolar), podem contribuir para que estes passem a ler e reler de forma crítica e reflexiva o seu lugar para, de modo coerente, pensarem o mundo na perspectiva da compreensão local/global e assim serem capazes de promover transformações desta realidade.

#### A Educação Ambiental

Ao refletirmos acerca da Educação Ambiental, vemos que de certa forma, se trata de uma expressão redundante. O pleonismo incide sobre o que entendemos enquanto educação. Isto é reflexo de uma ótica que enxerga a sociedade e natureza de forma dicotômica. Dentro da tradição do materialismo histórico-dialético inaugurada por Marx, a característica que funda, ou seja, que dá origem ao ser, está na sua relação metabólica em busca de meios de vida na natureza. Assim sendo, de acordo com essa visão, processos sociais e ambientais estariam imbricados, logo, ambiental já estaria inserido dentro de um sentido mais pleno de educação, embora, infelizmente exista a necessidade de criarmos expressões, mesmo que redundantes, com o objetivo de afirmar certas concepções.

Partimos de uma perspectiva Crítico-Transformadora, assim como aponta Tozoni-Reis (2008, p. 157), que entende que a educação ambiental é um processo político de apropriação crítica e reflexiva de conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos, voltada à construção de uma sociedade sustentável nas dimensões ambiental e social. Portanto, ao nos utilizarmos da expressão Educação Ambiental, devemos levar em conta que é uma prática educativa crítica e inovadora, que reflete sobre a ética ecológica e amplia o conceito de ambiente para além dos aspectos físico-biológicos, e que tem como objetivo a mudança dos atuais padrões da estrutura da sociedade sob a égide do sistema capitalista vigente. Porém, como acabamos de ver, este não é um consenso dentro dos distintos olhares a respeito da Educação Ambiental. Utilizaremos então a nomenclatura de Educação Ambiental Transformadora (Loureiro, 2004), a fim de demarcarmos nossa posição.

#### A Interdisciplinaridade

Toda a temática ambiental, como já foi afirmado aqui, é interdisciplinar. Um dos principais desafios reside em adotarmos uma abordagem interdisciplinar dentro do ambiente escolar e, quando pensamos em escola, automaticamente pensamos em disciplinas. Ao observarmos as instituições de ensino brasileiras nos dias atuais, em especial as voltadas para a Educação Básica, nos deparamos com uma realidade não muito

diferente de escolas que datam o início do século passado. Dentro do ambiente escolar ainda impera o paradigma tradicional que segmenta as diferentes áreas do saber. As principais características desse pensamento tradicional-cartesiano encontram-se vinculadas à ideia de que os fenômenos podem ser estudados e entendidos ao serem reduzidos às partes que os constituem. Essa concepção, consolidada ainda na idade moderna, está impregnada da ótica racional que nega a subjetividade, sob forte influência de pensadores desta época, tais como Isaac Newton e René Descartes.

Sabemos que o mundo no qual vivemos, em sua essência, é complexo, repleto de contradições, disputas, conflitos e desafios. Obviamente o modelo newton-cartesiano, calcado pela linearidade das leis da física e da matemática não daria conta de explicar toda essa complexidade. Entretanto, esse paradigma tradicional só começaria a ser questionado em meados do século XX. É nesse momento que vemos a ascensão de um novo paradigma emergente, o paradigma da complexidade. Nessa nova concepção, os conhecimentos passam a ser encarados como um todo, indivisíveis, contínuos e não estanques. O pensamento racional, reducionista e fracionado abriria espaço para o pensamento complexo, dinâmico e sistêmico. Seu ponto central estaria embasado na noção de rede, permitindo conexões, fluxos, movimento e integração.

Historicamente, nota-se então, que os conhecimentos escolares vêm sendo trabalhados de forma fragmentada dentro das diferentes disciplinas, cada qual, com seus respectivos conteúdos específicos. O novo paradigma complexo emergente ainda não adentrou os muros que cercam a escola, ou como afirma Viégas (2010, p. 280), essa complexidade está presente na realidade escolar, mas a sociedade como um todo, constituída e formada dentro de uma realidade cartesiana, não consegue enxergar o conhecimento complexo que circula na escola e valoriza somente o conhecimento tradicional.

[...] A complexidade das questões ambientais permeia os espaços escolares; precisamos investir esforços na sua compreensão no sentido de estabelecermos parâmetros para outras ações educativas, ações estas que possam trazer novos elementos ante as necessidades educacionais atuais, dentre elas as da questão ambiental.

No entanto, existem possibilidades que podem ser utilizadas para permitir uma maior integração desses conteúdos. Nossa realidade é complexa, logo, depende da reforma do pensamento para a compreensão do novo paradigma; assim torna-se necessário um pensar mais abrangente. O processo de ensino-aprendizagem no mundo contemporâneo requer a abordagem interdisciplinar. Percebe-se a necessidade da quebra de barreiras entre ciências da natureza, ciências exatas, arte e literatura, ocorrendo irrefutável necessidade de uma mudança profunda no sistema cartesiano de ensino aprendizagem, na fragmentação dos saberes.

Japiassu (1976), diz que “o saber em migalhas é obra de uma inteligência esfacelada” Por conta de todas as necessidades observadas em relação ao tema interdisciplinaridade, discussões são de grande valia, para a idealização de um conceito específico para os principais incentivadores das práticas interdisciplinares na formação de um homem omnilateral<sup>11</sup>.

Tais considerações nos fazem refletir sobre a necessidade e importância de promoção da interdisciplinaridade dentro do ambiente escolar. Por mais que este se encontre segmentado, não podemos abrir mão de levar adiante projetos interdisciplinares, inclusive aqueles voltados para a educação ambiental. A interdisciplinaridade, atualmente, ainda é alvo de grande discussão nos meios escolares e acadêmicos, não existe ainda um conceito capaz de unir as diferentes correntes teóricas, entretanto, a partir da revisão bibliográfica voltada para a interdisciplinaridade, observamos que visões a respeito da interdisciplinaridade fncam alicerces em dois paradigmas científicos: a filosofia do sujeito e o marxismo dialético.

No campo da filosofia do sujeito, a interdisciplinaridade evidencia a autonomia das ideias ou do sujeito pensante sobre os objetos. Muitos que compartilham deste discurso consideram o trabalho (ou mesmo pesquisa) interdisciplinar como método redentor capaz de retirar as ciências de seu status de crise ou de resolver o seu principal problema, a especialização do saber. Outra questão levantada é a visão iluminista que vê a salvação da ciência nos trabalhos em equipe ou em parceria. A respeito da corrente da filosofia do sujeito, Jantsch e Bianchetti (2004, p.12) consideram:

[...] Não é, a nosso ver, um trabalho em equipe ou em “parceria” que superará a redução subjetivista própria da filosofia do sujeito. Isto posto, podemos dizer, também, que a “interdisciplinaridade” da “parceria”, ao contrário do que supõe os que se orientam pela filosofia do sujeito, não abarca, ordena e totaliza a realidade supostamente confusa do mundo científico. Ou seja, a fórmula simples do somatório de individualidades ou de “sujeitos” pensantes (indivíduos) – que não apreende a complexidade do problema/objeto – não é milagrosa nem redentora. Muito menos o será o “ato de vontade” que leva um sujeito pensante a aderir a um “projeto em parceria”.

Os autores supracitados ressaltam que a questão a ser levantada não é parceria sim ou não, mas quando e em que condições o trabalho interdisciplinar se desenvolveria, não podendo-se rechaçar a as condições objetivas de cada contexto. Dentro da campo do materialismo dialético, a questão é analisada a partir da discussão sobre a materialidade das relações inseridas no sistema político-econômico capitalista de produção da existência.

A contribuição de Frigotto (2004) adota a dialética marxiana no debate sobre a interdisciplinaridade expondo uma compreensão a partir da qual o conhecimento não é produzido de forma neutra, uma vez que as relações que ele tenta apreender não são neutras. O autor considera a interdisciplinaridade como necessidade imperativa, ao mesmo tempo que a vê enquanto um problema que se insere na materialidade das relações capitalistas, estando relacionado à complexidade da realidade onde os sujeitos buscam construir conhecimentos, bem como a seu caráter histórico. Este empecilho seria potencializado pela forma alienada no interior da sociedade de classes pela qual os homens produzem a vida. Entretanto, nem a mais elevada capacidade crítica possibilita a um sujeito individual exaurir determinada problemática, porque este seria um esforço acumulativo e social, onde a parte isolada de seu contexto originário do real, para poder ser explicada necessita estar mediante às características e qualidades da totalidade.

As abordagens de Jantsch e Bianchetti (2004) e Frigotto (2004) ajudam a romper com a ideia de que a disciplina é uma *patologia* da modernidade e que a interdisciplinaridade seria a solução para a mesma, distanciando a questão de um patamar de voluntarismo e aproximando-a dos aspectos políticos, sociais, educacionais e epistemológicos da disciplinarização do conhecimento. Se apresentam como alternativa teórico-metodológica à perspectiva fenomênica de Fazenda (1994), que entende os sujeitos isolados de seus contextos de ação e a interdisciplinaridade como responsabilidade individual, assim como ocorre na Educação Ambiental, já explicitado anteriormente.

## Análise Crítica de Discurso

A ACD pode ser entendida como campo do saber que tem suas origens no final dos anos de 1970, tendo como base a influência de diferentes correntes teóricas: a linguística crítica, do marxismo e das teorias críticas oriundas da Escola de Frankfurt. Esta corrente dentro da análise do discurso conduz uma possibilidade de imbricação entre a análise linguística textual, com uma orientação social para o discurso, dessa forma, nos permitindo compreender as relações entre discursos e mudanças sociais. Assim a ACD se mostra como uma opção válida, enquanto referencial teórico-metodológico, uma vez que já existe um sólido caminho construído por diversos autores e vai ao encontro com as perspectivas teóricas expostas anteriormente neste trabalho.

Norman Fairclough, principal expoente no campo, faz importantes considerações sobre a ACD, segundo ele, esta permite reflexões e mais amplas sobre o processo social (Fairclough, 2001b, p. 121-122). Este autor discute as relações entre discurso e mudança social, buscando relacionar dialeticamente discurso e estrutural social, sendo estas relações mediadas pelas práticas. Isto implica não considerar os discursos descolados da materialidade das relações sociais que os conformam, mas enquanto, dialeticamente, constitutivos e determinados por estas.

[...] A ACD é a análise das relações dialéticas entre discurso (incluindo não apenas a linguagem verbal, mas outras formas de semiose, como a linguagem corporal e as imagens visuais) e os outros elementos das práticas sociais. No enfoque assumido por mim, a ACD está especialmente voltada para as mudanças radicais na vida social contemporânea, para os modos pelos quais o discurso está inscrito nelas e para as configurações atuais da relação entre a semiose e os outros elementos sociais nas redes de práticas. Não é possível assumir o papel do discurso nas práticas sociais como dado, devendo ele ser estabelecido a partir da análise. E o discurso pode ser mais ou menos importante em conjuntos específicos de práticas, além de poder mudar no/com o tempo. (FAIRCLOUGH, 2010, p. 2).

A perspectiva de Fairclough (2001a) se diferencia de outras abordagens que entendem o discurso como fonte de determinação da realidade (perspectivas performativas) e de outras que compreendem o discurso como sendo um mero reflexo determinado pela realidade, de forma unilateral e determinista. Teorias sociais críticas e estudos críticos da linguagem são incorporados nesse referencial teórico-metodológico, oferecendo condições de análise de aspectos linguísticos (vocabulário, aspectos gramaticais, semânticos, sintáticos e pragmáticos) e sociais *dos e nos* textos. Assim, há possibilidades de se entender o que está em jogo quando algo é dito (Kaplan, 2011, p. 66). “O discurso, sob essa ótica, passa a ser concebido também enquanto prática social, e, portanto, há condições materiais em jogo” (Borborema, 2014, p.179).

Com relação à análise da prática social, os conceitos centrais que Fairclough se utiliza são os de ideologia e hegemonia, que permitem compreender os discursos inseridos nas relações de poder, reproduzindo, reestruturando ou enfrentando as ordens de discurso existentes, entendendo as práticas discursivas como facetas das lutas por hegemonia.

## Metodologia

Para da implementação do trabalho aqui proposto, a estruturamos em diferentes etapas de forma que possibilitasse a coleta de dados em

cada uma delas. Assim, foram desenvolvidas diferentes atividades junto aos alunos. A coleta de material para posterior análise de dados foi efetuada a partir da realização de gravações em formato de áudio e vídeo, nos momentos destinados às atividades pedagógicas propostas, que consistiram basicamente em rodas de conversa e um trabalho de campo realizado às margens do Rio Saracuruna. Além das gravações, os resultados provindos de atividades interdisciplinares que resultaram em desenhos, produção textual e em intervenção artística na fotografia do Rio Saracuruna, realizadas pelos alunos, também foram utilizados como dados de análise.

Destaquemos, que dentre as potencialidades da Análise Crítica do Discurso inclui-se como parte do discurso alternativas que vão para além do campo textual. Assim, trata-se da “análise das relações dialéticas entre discurso (incluindo não apenas a linguagem verbal, mas outras formas de semiose, como a linguagem corporal e as imagens visuais) e os outros elementos das práticas sociais” (FAIRCLOUGH, 2010 p. 2). Considerando as configurações textuais multimidiáticas contemporâneas, são necessários instrumentos afinados para dar conta da articulação de outros materiais semióticos, ou linguagens (em perspectiva não ortodoxa), como imagens e sons, na produção dos sentidos (BARRETO, 2012).

Em um momento posterior, todas as gravações foram transcritas e a partir desse material será feita a Análise Crítica do Discurso, a luz do referencial teórico-metodológico proposto por Fairclough (2001). As transcrições foram desenvolvidas de forma que todos os sujeitos fossem diferenciados, inclusive as falas do professor; porém nenhum aluno foi identificado. Ao longo da realização das atividades, observamos, as falas dos alunos, onde foram extraídos indicadores levantados a partir dos dados.

#### **A construção de uma Educação Ambiental Transformadora sob um viés interdisciplinar:**

No decorrer das atividades desenvolvidas, um fato que nos salta atenção é o distanciamento existente na relação homem-natureza. A natureza passa a ser vista como distante, quase como que de forma intocada, explicitando a dicotomia entre o social, marcado por relações humanas e o ambiental, onde a presença do ser humano se omite, como se o homem não fizesse parte desta totalidade. Os dados abaixo, extraídos a partir da gravação de uma roda de conversa realizada pelo professor juntamente aos alunos, expõem de forma cristalina esta idealização, que é recorrente nos dias de hoje.

**PROFESSOR** - O tema que a gente vai abordar, neste bimestre aqui, é sobre as questões ambientais. Quando eu falo a palavra assim oh: AMBIENTE, ou MEIO AMBIENTE, qual é a outra palavra que vem à cabeça?

**A1** - Natureza!

**PROFESSOR** - Todos concordam que a palavra natureza está relacionada ao meio ambiente?

**VA** - Sim!

**PROFESSOR** - Beleza! Então, olha só, o que que queria: o meu objetivo hoje é ver o que vocês entendem de natureza, o que vocês entendem de meio ambiente e o que vocês entendem de meio ambiente de onde vocês moram, de onde vocês vivem. Por exemplo: aqui na localidade, próximo ao colégio, próximo à área de residência de vocês, ou seja, onde vocês moram, a gente consegue ver elementos da natureza?

**VA** - Sim!

**A2** - ali!

**PROFESSOR** - ali onde?

**A2** - a água.

**PROFESSOR** - que água? E só a água?

**A3** - O rio que está ali.

**A4** - as árvores.

**PROFESSOR** - e que rio que tem lá? Sabe o nome dele?

**VA** - Rio Saracuruna.

**PROFESSOR** - Rio Saracuruna. Muito bem! Só tem as árvores e o rio?

**A1** - A serra...

**PROFESSOR** - sim, a serra. Mas quando a gente olha para a serra, o que a gente vê?

**A3** - Grama!

**PROFESSOR** - Mas, é grama que a gente vê? Tudo bem. A gente vê grama, mas quando a gente olha lá para serra, em direção à Petrópolis, o que a gente vê?

**A5** - Bichos, plantas, os animais...

**PROFESSOR** - Sim. Vemos bichos, árvores, ou seja, vemos a vegetação e os animais que vivem nela.

Ao serem perguntados quais palavras remetem à questão ambiental, os alunos expõem elementos tais como água rio, serra, bichos plantas e animais. Um aluno em específico fala a palavra natureza, reforçando a concepção de natureza como algo distante, estranho a lógica social.

De acordo com Gonçalves (2016), o desenvolvimento e a consolidação das religiões de base judaico-cristã influenciaram na divisão homem-natureza, bem como na divisão espírito-matéria. Essa premissa finca bases no preceito dogmático que afirma que: o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Dessa forma, o homem é dotado de um certo privilégio perante os demais elementos que compõem a realidade. Na Idade Média, o cristianismo fará sua própria leitura na separação espírito-matéria, diferente da concepção aristotélico-platônica. Enquanto na filosofia grega somente a *ideia* era perfeita, em oposição a realidade mundana, a Igreja prega a existência de um Deus, perfeito, se opondo à imperfeição do mundo material. No entanto, é na modernidade, a partir do paradigma cartesiano que essas dicotomias *homem-natureza*, *espírito-matéria*, *sujeito-objeto* se tornam mais completas. O autor supracitado ainda afirma que com a Revolução Industrial e consolidação da ordem burguesa tais concepções são reforçadas,

Assim, pode-se afirmar que com desenvolvimento e consolidação do modelo capitalista de produção e conseqüente divisão técnica e social do trabalho, o pensar de modo fragmentado se torna imperativo, e os que pensavam diferente dessa lógica eram tidos como irracionais, idealistas e românticos. O progresso da história era utilizado para fundamentar a segmentação, que agora extrapolara as formas de pensar e conceber a realidade e se materializava nos modos de produção e desenvolvimento das sociedades.

Tal distanciamento na relação homem natureza pode ser conduzido a uma ótica de entender a natureza enquanto mera fonte de recursos necessárias para a manutenção das formas de produção presentes no modelo de reprodução do capital. No trecho abaixo extraído de uma das rodas de conversa realizadas juntos aos discentes, um dos alunos emite a seguinte fala: “a gente vive da natureza”. Esse é um discurso que possui muita força. Tão grande sua amplitude e intensidade que tal ideologia possui, que é cristalizada na forma de senso comum. Por mais que ao longo da interação discursiva os alunos seguissem um discurso de que os seres humanos também são e fazem parte da natureza, ao emitir essa fala o aluno não somente exterioriza a natureza da essência humana, mas também a delega a uma instância inferior, a um substrato, como se as sociedades estivessem em um nível hierárquico superior e recorressem a natureza (em nível hierárquico abaixo) somente para extrair suas necessidades.

**A6** - Tem gente que nem liga para a natureza, sai jogando lixo onde quiser.

**PROFESSOR** - Então, essa questão de não ligar para a natureza chega ser algo engraçado. Olha só, nós somos seres humanos, correto?

**VA** - Somos!

**PROFESSOR** - Mas, nós não somos parte da natureza também?

**VA** - Sim!

**PROFESSOR** - O ser humano não faz parte da natureza?

**VA** - Sim!

**PROFESSOR** - O ser humano ele é um ser natural?

**VA** - Sim!

**PROFESSOR** - Também! Dizemos que os seres humanos vivem em sociedade, um lida com o outro, para se tornar ser humano tem que ter essa interação de um ser humano com outro, tudo bem! Mas, nós somos feitos de natureza também! Somos seres vivos, somos parte dessa natureza. Mas, se a gente é parte da natureza, como não ligar para algo que é parte da gente, como a natureza? A gente é parte da natureza e a natureza é parte da gente!

**A2** - A gente vive da natureza.

De acordo com Fairclough, as práticas discursivas carregam consigo ideologias e assim possuem a potencialidade de se tornarem um senso comum, bem como na fala emitida pelo aluno.

[...]As ideologias vem embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o status de 'senso comum'; mas essa propriedade estável e estabelecida das ideologias não deve ser muito enfatizada, porque minha referência a "transformação" aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remodelar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação [...]. (FAIRCLOUGH, 2001 p. 117)

O discurso emitido pelo aluno entre em consonância com a **Figura 1** abaixo. Este desenho é fruto de uma das atividades propostas que consistia na elaboração de uma atividade de desenho, representando o que é um rio no imaginário do aluno e como de fato ele enxerga o Rio Saracuruna. Dentro da atividade, cada aluno expôs e explicou o desenho realizado pelo mesmo. A atividade nos expõe informações importantes acerca da ótica dos alunos sobre a realidade ambiental a qual se inserem. Cabe ressaltar que foi tomado como ponto de partida o Rio Saracuruna, que corre nas proximidades da escola e pode ser considerado em elemento que nos chama atenção devido a seu elevado nível de degradação ambiental. A partir do desenho, vemos novamente exteriorização a natureza da essência humana, uma vez que no desenho que deveria retratar o que o aluno tem em mente ao imaginar um rio, não vemos nenhum traço de atividade humana. O desenho carrega consigo a concepção de uma natureza distante, idealizada, muito comum sob uma perspectiva preservacionista de Educação Ambiental.

**Figura 1:** Um dos desenhos resultantes da atividade "O que é um rio e como é o nosso rio?"



**Fonte:** O Autor, 2017

O entendimento da relação existente entre humano e natureza também nos revela o viés ideológico conservador presente no discurso dos alunos. Por vezes os discentes demonstram uma concepção de natureza como recurso. Tal perspectiva se aponta a força presente do discurso hegemônico alinhado ao sistema de produção vigente. Tal perspectiva desconsidera uma questão ontológica, uma vez que nossa relação com a natureza é o que nos torna seres humanos. Ou seja, o que funda o ser humano é justamente nossa relação metabólica com a natureza através do trabalho.

Assim, ao longo da aplicação das atividades pedagógicas propostas, os dados coletados que irá apresentar uma aproximação com a consolidação de um discurso mais crítico por parte dos alunos, conforme podemos observar abaixo.



**PROFESSOR** - Além do outro lado. O que vem lá de cima a água do rio vem trazendo. Então o lixo, por exemplo, aquele saco (o professor aponta para uma sacola plástica que estava sendo carregada pelas águas do rio.) que está passando lá, ele pode ter caído lá em cima, e veio para cá. A mesma coisa é a poluição. O rio pode não ter sido poluído aqui, ele pode ter sido poluído lá perto da nascente dele e já vem para cá poluído. Aqui vai ficando mais (poluído), por conta daquelas questões que a gente já falou. Tipo o que? O que acontece para ele ficar poluído?

**A3** - Ah, tem esgoto...

**PROFESSOR** - Mais, o que?

**A4** - Não tem saneamento básico.

**PROFESSOR** - Ah, não tem saneamento básico, por que não existe saneamento básico. Só o esgoto? Nada mais polui?

**A1** - Até a árvore lá (o aluno aponta para uma árvore, na outra margem do rio) dá para ver quando enche de lixo.

**PROFESSOR** - É só você ver. O lixo que aparece preso nas folhas das árvores é por que a água chega até lá numa época que está chovendo muito.

**A5** - Nossa!

**PROFESSOR** - Isso aqui alaga, gente!

**A6** - É verdade!

**PROFESSOR** - Agora vem cá, no falar em relação ao esgoto, aparece até o cano ali. É aquilo a gente conversou será que o principal causador são as pessoas que o esgoto vai parar ali (no rio) ou jogam o lixo?

**VA** - Não!

**A3** - Não só.

**PROFESSOR** - É, não só! Por que não só?

**A7** - Por que tem o esgoto, por que também tem as outras pessoas...

**A8** - Tem as fábricas que jogam.

**PROFESSOR** - Isso aí tem as fábricas.

**A7** - Até criança joga, que eu já vi.

**PROFESSOR** - Lembra aquilo que a gente conversou? Porque que será que o esgoto tem que ir para o rio?

**A8** - Porque a prefeitura não faz saneamento básico.

**PROFESSOR** - Essa é uma questão importante. A Prefeitura não vai fazer o saneamento básico adequado, se fosse isso o esgoto não iria vir para o rio, ele iria vir para a coleta do saneamento básico (o aluno interrompe o professor).

**A1** - que ia limpar a água.

**PROFESSOR** - Em uma estação de tratamento de água, tá?!

Ao mesmo tempo que parte dos alunos expõem escassez de investimentos públicos em saneamento básico e na coleta efetiva de lixo (fatores que contribuem de forma determinante para a degradação ambiental da localidade), outros insistem em um viés disciplinatório, até mesmo moralista, ou seja, culpabilizando somente a população local em relação aquele quadro socioambiental exposto. Essa concepção está muito mais atrelada a mudanças de comportamentos tidos como ambientalmente inadequados, e o que na realidade gera um condicionamento individual ou como podemos chamar de "adestramento ambiental" (Tozoni-reis, 2008). Essa noção de Educação Ambiental também se mantém sob a perspectiva conservacionista, uma vez que o não questiona do modelo de produção vigente e a responsabilidade a respeito da degradação ambiental recai sob os indivíduos, como anteriormente mencionado por nós.

Os alunos, ao refletirem e descreverem as condições socioambientais da localidade, sinalizam a degradação ambiental latente. A problemática, segundo suas falas, gira em torno da poluição do Rio Saracuruna, em específico a respeito do lançamento de lixo e da emissão de esgoto *in natura*. Entretanto, de uma forma geral, partem de uma concepção que tem como premissa a culpabilização individual para aquela realidade, como também podemos identificar nos fragmentos expostos acima. Abaixo, o trecho nos permite ver que os alunos passam a identificar um desses outros atores, enunciado como "*Empresas*".

**PROFESSOR** - Sim, mais do que aqui. Olha só, pensa no seguinte, por que grande parte da natureza é desmatada, é poluída?

**A5** - Empresas!

O exemplo indicado abaixo (**Figura 3**) é fruto da proposta interdisciplinar desenvolvida juntamente com a disciplina de Educação Artística. Esta atividade tinha como objetivo que os alunos promovessem intervenções artísticas em uma fotografia do Rio Saracuruna (**Figura 2**), expondo como poderia ser essa realidade sob suas respectivas concepções.

**Figura 2** - Imagem utilizada como base para a atividade interdisciplinar



Fonte: O Autor, 2017

**Figura 3:** Uma das produções fruto da atividade interdisciplinar desenvolvida juntamente a disciplina de Artes Visuais.

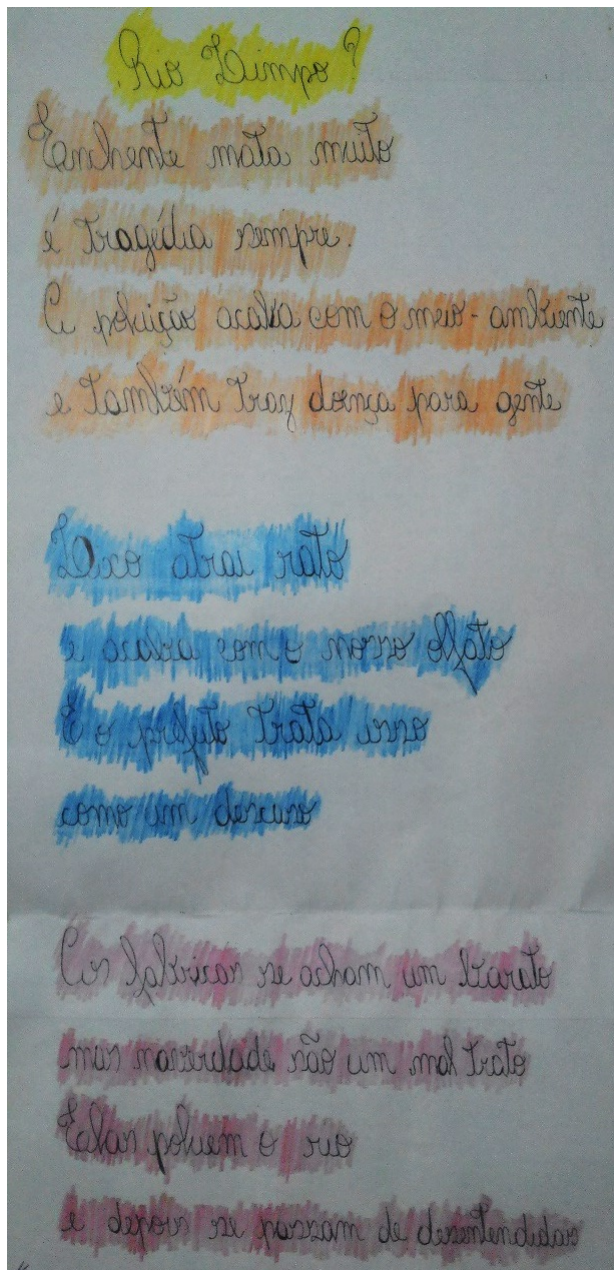


Fonte: O Autor, 2018

Observa-se a presença de um indivíduo carregando baldes d'água, uma nascente, flores, animais (cachorro). Todos esses elementos retratam a existência de vida biológica. Até mesmo as cores utilizadas ao pintar, como se "dessem vida" à imagem. E no caso específico do rio, o predomínio do azul indica melhores condições ambientais deste elemento, diferentemente da coloração escura do rio na realidade. A presente fonte de água potável, a relação sociobiológica entre os elementos na natureza (dentre eles, orgânicos, como plantas, animais e seres humanos e inorgânicos, tal como a água do rio) acenam a caracterização de um outro patamar de sociedade. Uma organização social em que seres humanos se entendam como parte daquela natureza e nela busquem a perpetuação de sua existência a partir de sua relação metabólica com o meio. Dessa forma, este discurso, mesmo não textual, transita sob os pressupostos de Educação Ambiental Crítica, deixando nítido a sua perspectiva de transformação.

Já em um outro momento, foi desenvolvida uma proposta pedagógica interdisciplinar em conjunto com a disciplina de Língua Portuguesa. Nessa atividade os alunos elencaram palavras, que segundo eles se relacionariam com o rio. Posteriormente, eles deveriam compor um texto a partir de um gênero textual a sua escolha.

**Figura 4:** Uma das produções fruto da atividade interdisciplinar desenvolvida juntamente a disciplina de Língua Portuguesa.



**Fonte:** O Autor, 2018

A partir do exemplo exposto acima, mais uma vez observamos a relação lixo – poluição – doenças infectoparasitárias. Os alunos partem de sua realidade concreta apontando as consequências diretas do quadro socioambiental exposto. A ocorrência de inundações, categorizadas enquanto tragédia, a questão da ineficiência da coleta de lixo e sua imediata influência na geração de doenças retratam parte do cotidiano da localidade e as condições em que a comunidade é obrigada a viver.

Importante ressaltarmos que este trabalho reflete o reconhecimento da omissão das autoridades bem como a força que o capital possui, exemplificado a partir da figura da fábrica. O esgoto sendo lançado no rio *in natura*, as fábricas despejando seus rejeitos fazem parte do dia a dia da comunidade local. Estão lá, cristalizados, marcando o espaço e expostos, ou seja, compondo o aspecto visível (dentre outros sentidos, reforçamos a questão visual pela sua imediatividade. Relembrando comparativamente o início da implementação da pesquisa, o discurso dos alunos não continha tais exemplificações. Não que estes processos não ocorressem, estavam lá, no entanto invisibilizados, pelo menos nos discursos. Os alunos poderiam até notar tais fenômenos, mas eram naturalizados e dessa forma não compunham seus discursos. Outra vez, nos deparamos com a naturalização que a ideologia conduz à interpelação dos sujeitos mediante à certas práticas sociais (como os processos expostos, assim como os discursos) ao senso comum. Uma vez que tais práticas passam a ser confrontadas no micro contexto, em instituições, como a escola, certas práticas (e discursos) passam a ser “desnaturalizados”, ou seja, identificadas e questionadas.

#### PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

O desenvolvimento de atividades sob uma perspectiva interdisciplinar, como as desenvolvidas nos possibilitaram uma abordagem mais ampliada das questões socioambientais da localidade em que se insere a comunidade escolar, assim como forneceram respostas positivas por parte do discurso produzido pelos alunos. Mesmo que de forma discreta e passando por oscilações, percebe-se que a partir da confrontação dos discursos no micro contexto (no ambiente escolar, no caso) emergem possibilidades para a transformação da realidade objetiva dos alunos.

O referencial teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso, a partir da contribuição de Fairclough, permitiu compreender os discursos inseridos nas relações de poder, onde se identifica a reprodução, mas também acena para enfrentamento das ordens de discurso existentes, uma vez que concebe as práticas discursivas como facetas das lutas por hegemonia.

Tal perspectiva se mostrou como de caro valor para a construção de uma educação ambiental pautada sob uma visão crítica e voltada para a transformação de uma dada realidade, sendo então, terreno fecundo mudanças subjetivas nos indivíduos, e assim contribuir para a superação desta

realidade em que nos deparamos, marcada pelo desprezo ambiental em função da ordem capitalista vigente.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, R. G. **a recontextualização das tecnologias da informação e da comunicação na formação e no trabalho docente.** Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 121, p. 985-1002, out/dez. 2012
- BORBOREMA, C. D. L. **Entre os níveis micro e macro** in BARRETO, R. G. Tecnologias e trabalho docente: entre políticas e práticas. 1. ed. Petrópolis: DP et alii, 2014. v. 1. 212p
- FAIRCLOUGH, N. A dialética do discurso. **Revista Teias**, v. 11, n. 22, pp. 225-234, 2010 (Traduzido por Raquel Goulart Barreto).
- \_\_\_\_\_, **Discurso e mudança social.** 1ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- \_\_\_\_\_, **N Critical discourse analysis as a method in social scientific research.** In: Wodak, R. and Meyer, M. (Eds.) *Methods of Critical Discourse Analysis.* London: Sage, p. 121-138, 2001b.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papirus, 1994.
- FRIGOTTO, G. **A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais.** In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (orgs). - *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito.* Petrópolis, Vozes, 2004.
- GONÇALVES, C. W. P. **Os (des) caminhos do meio ambiente.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016
- JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (orgs). - **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito.** Petrópolis, Vozes, 2004.
- JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber.** Rio de Janeiro. Imago, 1976.
- KAPLAN, L. **Análise crítica dos discursos presentes nos documentos que definem a política de educação ambiental no Brasil.** Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro: PPGE/UFRJ, 2011.
- LOUREIRO, C. F. B.. Pesquisa-ação participante e educação ambiental: uma abordagem dialética e emancipatória. In: Tozoni-Reis, M. F. de Campos. (Org.). **A pesquisa-ação participativa em educação ambiental: reflexões teóricas.** 1ed.São Paulo: Annablume/Fapesp/Fundibio, 2007a, v., p. 13-56.
- \_\_\_\_\_, C. F. B. **Trajatórias e fundamentos da Educação Ambiental.** São Paulo: Cortez, 2004
- \_\_\_\_\_, C. F. B.. Premissas teóricas para uma Educação Ambiental transformadora. **Ambiente & Educação (FURG), Rio Grande, v. 8,** p. 37-54, 2003.
- TOZONI-REIS, M. F. C. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 3, n. 1 - pp. 155-169, 2008
- VIÉGAS, A. **Educação ambiental e complexidade: uma análise a partir do contexto escolar.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. 288f.

[1] Adotamos aqui o conceito de omnilateralidade proposto por Marx, de fundamental importância para a reflexão de toda problemática acerca da educação. Nos referimos a uma formação humana oposta à formação unilateral provocada pelo trabalho alienado, pela divisão social do trabalho, presente nas relações capitalistas.